

O CONTEXTO SOCIO-ECONOMICO-POLITICO NO BRASIL E NA GUIANA FRANCESA QUE IMPULSIONOU A MIGRAÇÃO DO POVO KALI'NA¹

Evilania Bento da Cunha, Unifap, evilaniabc@gmail.com

INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado é resultado de um dos capítulos da tese de doutoramento em Geografia. Traremos o contexto político, social e econômico na Guiana Francesa e no Brasil na década de 1940 e as motivações para a migração dos Kali'na. Abordaremos sobre o Território de Inini em comparação com o Serviço de proteção ao Índio- SPI para compreender a realidade sociopolítica dos dois países fronteiriços. Levando em consideração um dos três elementos da/na dinâmica territorial, adotados na tese que foi o deslocamento desse povo da Guiana Francesa para o Brasil e o contexto sócio político-econômico. Os Kali'na é um dos povos originários da América antes da chegada dos colonizadores, esse povo está presente no Platô das Guianas desde a Venezuela até o Brasil. Como podemos ver no mapa da espacialização dos Kali'na no platô das Guianas.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010/Moyogo, 2006.

É necessário trazer uma discussão sobre o Território de Inini, pois a migração dos Kali'na em 1950 ocorre nos debates e mudanças nas políticas exercidas nesse contexto. O território de Inini teve por objetivo expandir a atuação do Estado no interior da Guiana Francesa, uma vez que a velha

¹ Texto com base no Capítulo 2 da tese de doutorado em Geografia intitulada: Dinâmica Territorial do povo Kali'na de Oiapoque-AP, defendida em 2022.

colonização se prendeu ao litoral e região de Cayenne. Quando a Guiana Francesa se tornou um departamento, na década de 1940, ainda conviveu com o território de Inini, até 1969.

O Território de Inini seria um dos muitos projetos administrativos elaborados para desenvolver a Guiana (THABOUILLOT.2016:15), tendo em vista os aspectos econômicos e políticos. O primeiro preocupava-se com a produção de ouro e o desenvolvimento agrícola e florestal; o segundo pretendia atender o desejo dos guianenses de administrar suas riquezas e colocar fim às tensões locais.

Esse território pensava a Guiana para além do litoral, adentrando no interior onde estavam as comunidades autóctones presentes ali antes mesmo da chegada dos colonizadores. Contudo, a criação desse território dá continuidade ao projeto colonial de subjugação dos povos e culturas, talvez de uma forma mais amena. Os gestores e criadores desse novo território queriam se apropriar do interior de uma maneira que não gerasse mais conflitos do que o já existente.

Assim, teria duas administrações distintas e autônomas na Guiana Francesa, sendo que o administrador de Inini era nomeado pelo governador na Guiana. O fato de criar um território autônomo com a nomeação do governador da Guiana, indica uma iniciativa colonial no século XX. Era importante para a França garantir o domínio de toda a área da Guiana, especialmente porque eles haviam perdido para o Brasil a área contestada no estado do Amapá.

Desse modo, ocupar e dominar a fronteira era imprescindível também para continuar explorando as riquezas naturais e minerais nessa área; mas para isso, era importante garantir que os povos indígenas que habitavam a fronteira fossem seus aliados e se mantivessem do lado da fronteira francesa.

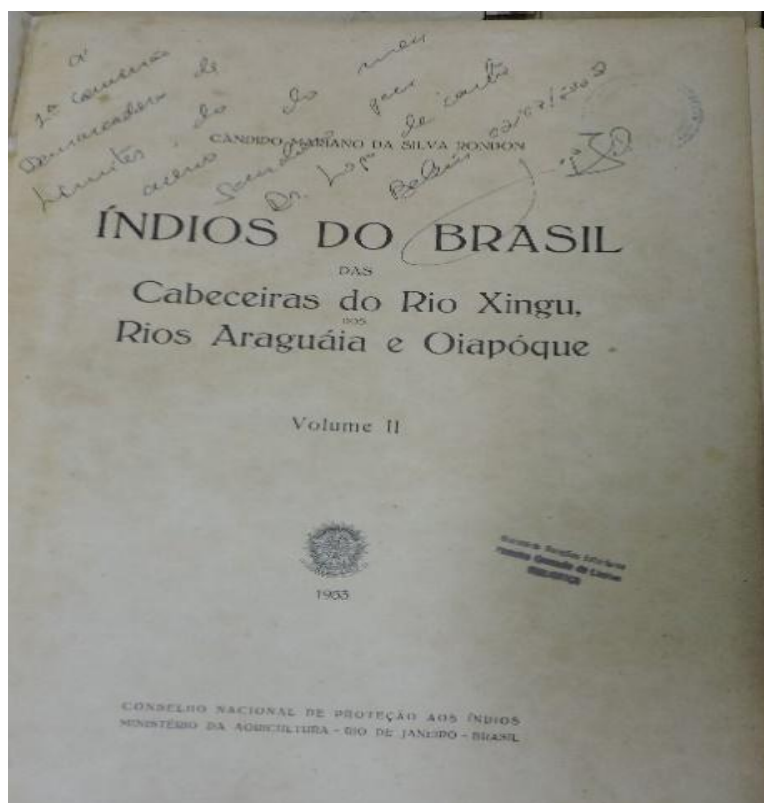
Ao pensar na situação dos Kali'na na Guiana Francesa, é preciso refletir sobre três momentos históricos e políticos: o primeiro é o da criação do Território de Inini e sua extinção, o que foi esse território para os povos indígenas, particularmente para os Kali'na; o segundo é a departamentalização da Guiana Francesa, em 1946; esse segundo momento é central, pois é nesse período que o grupo migra para o Brasil; o terceiro momento, em 1965, o da criação do centro espacial de Kourou, e a política de francisação. Nesse terceiro momento, também têm algumas famílias que fazem o caminho inverso e voltam para a Guiana Francesa.

METODOLOGIA

A metodologia adotada especificamente nesse capítulo foi pesquisa bibliográfica e documental, feita nos arquivos do Museu Goeldi em Belém-PA; na biblioteca da Primeira Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, com sede em Belém-PA, pesquisas feitas nos arquivos franceses pela jornalista Hélène Ferrarini, que foram disponibilizados para esse trabalho e conversas informais com Cristina Lod, que faz parte da primeira geração de Kali'nã nascidos no Brasil e Alexis Tiouka, Kali'na da mesma geração nascido na Guiana Francesa. A imagem a seguir mostra um dos acervos

encontrado na pesquisa feita na biblioteca da Primeira Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, com sede em Belém-PA.

Figura 2: contra capa do livro do Marechal Rondon



Fonte: Pesquisa documental na Primeira Comissão de Limites de Fronteiras, 2019.

O embasamento para essa discussão foi na sua maior parte com o livro de Gérard Thabouillot, “*Le Territoire de l’Inini: 1930 – 1969*”, que nos apresenta uma gênese da formação do território, sua constituição e sua diluição. Diversas pesquisas foram feitas tomando como base esse Território, em especial, ao abordar os povos autóctones da Guiana, a criação do Parque Nacional Francês da Amazônia dentre outras temáticas.

Para entender o contexto sócio-político-econômico brasileiro no mesmo período, foram pesquisados os arquivos do SPI do Museu Nacional através das microfilmagens cedidas ao projeto de pesquisa de professores do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, professora Gelsama Mara dos Santos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CRIAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ININI E SUA EXTINÇÃO

Os Kali’na, embora fossem habitantes do litoral, receberam alguns benefícios da política do Território de Inini. Por exemplo, a formação profissional, como nos aponta Lux Vidal (2000) e em documentos da década de 1940, do governo Francês, que apresenta um dos líderes da migração como enfermeiro que trabalhava para o Estado e estava sendo negligente com seu trabalho segundo

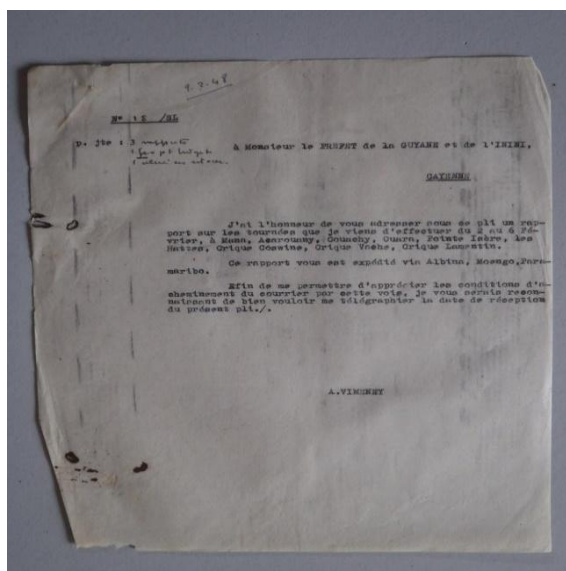
o documento. Destarte, era oferecida uma formação para assegurar uma escolarização mínima das crianças; formar monitores escolares indígenas; formar auxiliares de enfermagem indígenas.

O documento datado de 1949 relata uma reclamação do governo francês com esse grupo que decidiu migrar. Algumas reflexões postas a partir do documento são importantes: primeiro, representantes legais do governo vão até a comunidade de Couachi para tratar da migração, mas dizem ser mal recebidos pelo irmão do tal enfermeiro Gerard; segundo, o representante do governo diz ir até lá porque comerciantes locais reclamavam que a saída desse grupo iria interferir na comercialização dos produtos agrícolas, mas o documento diz atestar que é um grupo pequeno que vai partir, não interferindo na economia local. E que a saída desse grupo será boa, pois eles têm maus espíritos. Vejamos que essa é a visão do representante do Estado.

Até 1900, essa fronteira era disputada pelo Estado da França e do Brasil; a saída desse grupo seria uma demonstração de que a política voltada aos povos autóctones não os estava atendendo na sua integridade; por sua vez, o Estado brasileiro tem imensa satisfação em receber esse povo, através de seu Serviço de Proteção aos Índios - SPI e também o Exército e o prefeito do recém-criado município de Oiapoque, com possível potencial de desenvolvimento, até mesmo porque dentro desse grupo já tinham pessoas com um nível elevado de escolarização para época.

Existe outro documento que é uma apresentação do relatório que deve vir em anexo da visita do vice-governador, apontando os resultados de suas visitas às comunidades, dentre elas, Couachi, feita em 1948. No ano seguinte, em 1949, Geraldo Lod e seu primo Lieutenant vêm ao Oiapoque e a Belém para acertar com o governo brasileiro sua migração, segundo comprova o documento onde Eurico Fernandes solicita da Força Aérea Brasileira duas passagens para que os dois Kali'na, vindos da Guiana, possam viajar para Belém a fim de conversarem sobre a vinda definitiva desse grupo para o Brasil.

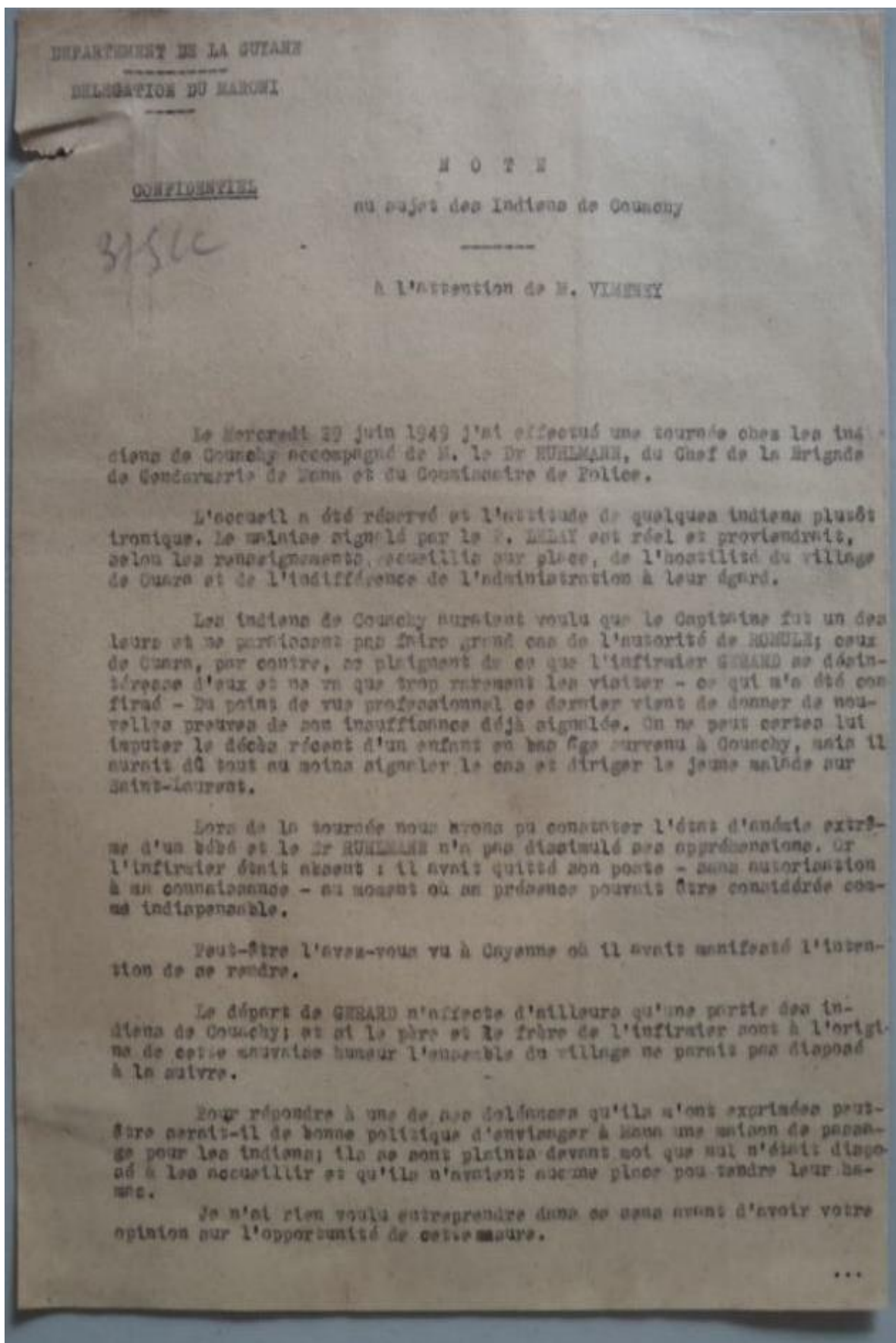
Figura 03: Nota de relatório enviado ao governador de Cayenne.



Fonte: Archives de la sous-prefecture de Saint Laurent du Maroni.

O documento é uma apresentação do relatório que deve vir em anexo da visita do vice-governador, apontando os resultados de suas visitas às comunidades, dentre elas, Couachi, feita em 1948.

Figura 04: documento francês sobre a migração dos Kali'na para o Brasil.



A DEPARTAMENTALIZAÇÃO DA GUIANA FRANCESA EM 1946

Em 1949, o senhor Geraldo Lod e seu primo Lieutenant fizeram uma viagem ao Brasil, com o objetivo de oficializar a migração dessas famílias para região de Oiapoque. Ao chegar na sede do SPI em Oiapoque são encaminhados para Belém, onde fica a superintendência responsável por essa região. Para tanto, foi necessário solicitar junto ao Exército passagens aéreas para os dois indígenas tratarem as questões burocráticas da migração. Na solicitação das passagens, o argumento é que esses Kali'na são indígenas brasileiros que foram obrigados pelos franceses a ficarem do lado do Território francês, na disputa do contestado franco-brasileiro, sendo importante para o Brasil acolher esse grupo do lado brasileiro no Platô das Guianas.

Eurico Fernandes argumenta que os indígenas supriam o mercado local francês com os produtos agrícolas, pois os negros vindos da África não conseguiram suprir a necessidade de produtos agrícolas e que os indígenas lá eram explorados. É bom lembrar que uma das funções dos postos de assistência do SPI era se manter financeiramente com os produtos produzidos pelos indígenas, inclusive o ministério responsável pela gestão do SPI era o Ministério da Agricultura.

Eurico Fernandes solicita, através de ofício de número 109, datado de 13/07/1949, à força aérea duas passagens aéreas saindo de Oiapoque para Belém com a finalidade de tratar da migração de famílias desse povo para o Brasil, na justificativa Eurico Fernandes diz que essa chefia - se referindo a ele - tem interesse, pois:

(...) tratam-se de índios brasileiros que naturalmente sem conhecer a linha divisória do nosso país com aquela colônia da França, há muitos anos já a transpuseram, ficando como que cativo do governo francês que sempre teve o interesse por nossos índios, para aplica-los na lavoura daquela colônia, uma vez que o elemento afro não ofereceu o interesse desejado. (SPI, microfilmagem, f.149)

Esse parágrafo de justificativa que Eurico Fernandes faz para fundamentar a solicitação das passagens, apresenta a importância da vinda à Belém desses dois Kali'na. Aqui cabem algumas reflexões: a primeira é que Eurico Fernandes afirma que esses índios são brasileiros e foram cooptados pelos franceses; nesse sentido, damos três interpretações.

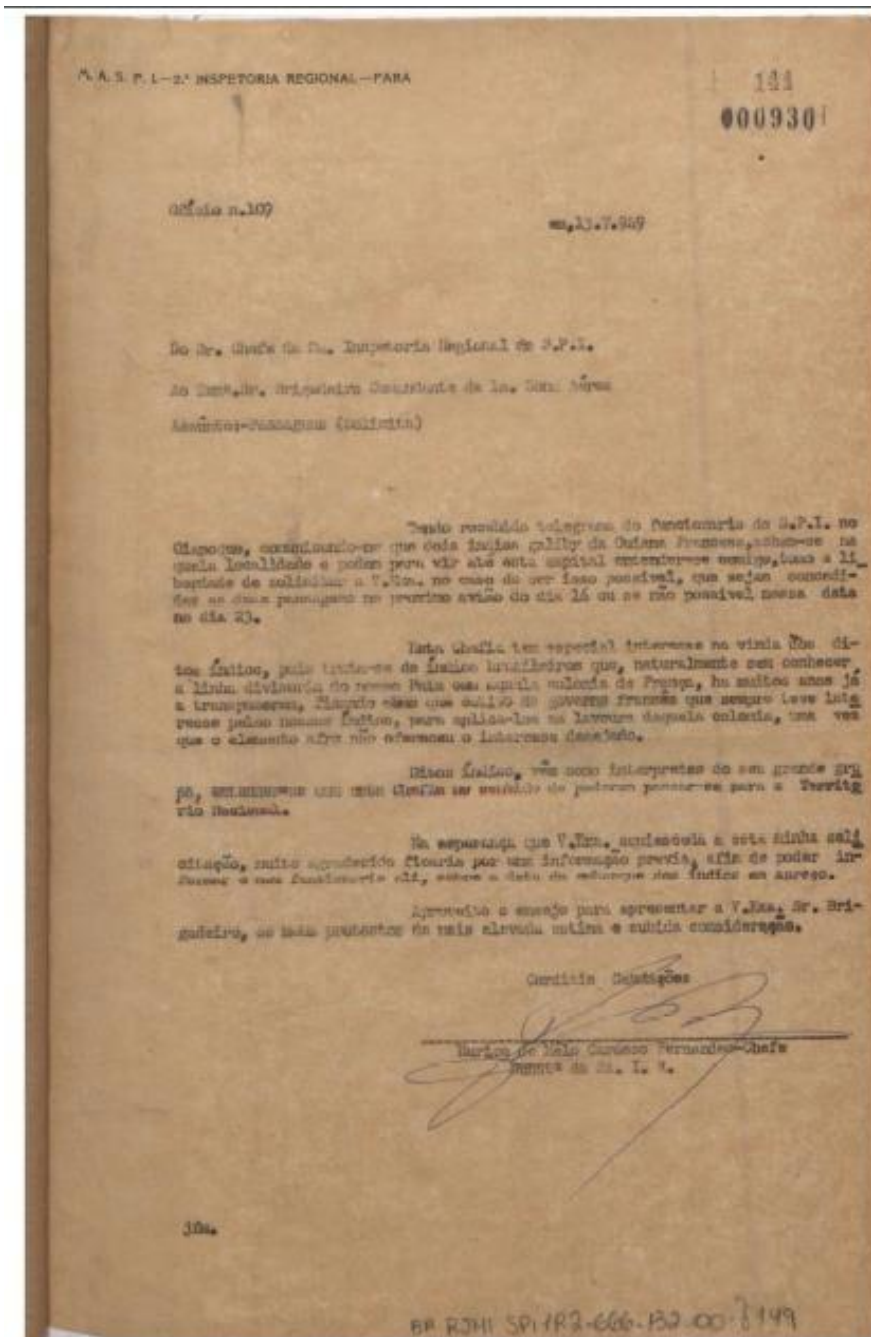
Na compreensão do SPI, nos relatórios de expedito Arnaud, do Marechal Rondon e também no mapa etnográfico de Curt Numiendaju, os Galibi de Uaçá seriam os Galibi do Caribe que tinham se isolado nessa região nos séculos XVI e XVII, contraído matrimônios com povos africanos refugiados da escravidão e se distanciando do seu núcleo original, constituindo um povo indígena do Brasil. Dessa forma, podemos sugerir que Eurico Fernandes quisesse se fundamentar nessa teoria, ao dizer que esses índios eram brasileiros.

Uma segunda interpretação se dá pelo fato de existir uma disputa real entre o Brasil e a França, no Médio Rio Oiapoque, quando o rio Camopi desagua nesse. Ali, nesse entroncamento fluvial, em um dos afluentes do rio Oiapoque, estava instalado o posto indígena Luis Horta, que nos registros documentais do SPI tinha muita dificuldade de se manter, pois os Wajãpi e Emerillon eram seduzidos pelos franceses e se inclinavam para o seu lado. Existe uma sequência de relatórios feitos pela Inspetoria do SPI em Belém que apontam as incursões dos pesquisadores franceses com um alto nível de instrumentos técnicos e de conhecimento

acadêmico, ao mesmo tempo que reclama que o Estado brasileiro não investe na mesma proporção, o que ocasionará na partida dos Emerillon para o lado francês. Assim, afirmar que esses indígenas são brasileiros, é uma resposta para o governo francês, que “tomou” os Emerillon.

A terceira interpretação, ao afirmar que os Kali’na são brasileiros, implica num argumento diplomático, pois os resquícios do Contestado ainda se faziam presentes; não se podia aguçar novas disputas; nesse sentido, Eurico Fernandes utiliza-se do argumento de que os indígenas não conheciam as linhas fronteiriças impostas pela colonização, o que denota uma sabedoria, pois nenhum etnógrafo poderia contestar essa afirmação, caso fosse consultado, uma vez que a circulação e as trocas de mercadorias ou matrimoniais já existiam antes dos Estados-Nações.

Figura 05: solicitação de passagem aéreas para os Kali’na de Oiapoque a Belém 1949.



Esse parágrafo do ofício de Eurico Fernandes ainda sugere outra reflexão: ele aborda a questão do indígena como trabalhador agrícola, fazendo uma crítica à França por utilizar-se da mão-de-obra dos indígenas. Contudo, o mesmo era feito pelo SPI; existia um controle da produção de cada posto indígena e nos relatórios são visíveis as reclamações quando os postos não conseguiam atingir as metas esperadas, ou quando o posto atingia o equilíbrio e não dava prejuízo.

Outro ponto é que, desde a tentativa da colônia agrícola de Clevelândia, para habitar essa região do extremo norte, ainda não era suficiente o contingente populacional, por se tratar de uma região com muitas doenças próprias do clima equatorial. Assim, expressar que os dois Kali'na eram interpretes de um grande grupo seria um bom argumento para aumentar a população de Oiapoque como município recém-emancipado.

É importante destacar que, com a criação do Departamento da Guiana, o Território de Inini fica à parte, como aponta Thabouillot (2016); a lei de criação do Departamento, em 1946, não define qual o status de Inini; no entanto, vemos ações paralelas, como a Comissão Governamental para os assuntos indígenas junto aos Galibi Kali'na, de 1947-1955, e o Serviço de Proteção aos Primitivos, criada em 1949⁵.

Alguns documentos e a própria migração apontam para uma insatisfação dos Kali'na que migraram para o Brasil, em relação à nova política adotada pela França: de controle de sua antiga colônia, agora com status de Departamento.

A departamentalização da Guiana por parte da França ainda conviveu mais de 20 anos com o Território de Inini, e com ajustes com os países vizinhos, como no caso do Brasil. Segundo Thabouillot (2005), ocorreu uma reunião no Rio de Janeiro em 1955, para uma clara definição da linha fronteira, o que foi feito após estudos geocartográficos. Isso explica porque, no mapa produzido pela Primeira Comissão de Fronteiras de Belém, consta como um dos marcos limítrofes, a ilha em frente à Terra Galibi em 1954, indicando uma afirmação da parte do Brasil da presença desse povo que migrou da Guiana Francesa.

⁵ Informações de Alexis Tiouka, 2020.



CRIAÇÃO DO CENTRO ESPACIAL DE KOUROU E A POLÍTICA DE FRANCISAÇÃO- 1965

No Brasil das ditaduras, seja do governo de Getúlio Vargas, seja dos militares, a política desenvolvimentista com a interligação do território nacional promoveu o contato - algumas vezes forçado - com os povos originários; outras vezes, querendo transformar esses indígenas em produtores agrícolas, com projetos para desenvolver a economia, como demonstra a tabela produtiva do SPI administrada pela inspetoria de Belém.

No mesmo período, vemos uma política - tanto no Brasil como no Departamento da Guiana Francesa - de incentivo ao desenvolvimento econômico e de instalação de infraestrutura que possa colaborar com esse desenvolvimento, como estradas, ferrovias, hidrelétricas, exploração de minérios.

A política para os departamentos franceses, que vai substituir o Território de Inini na Guiana, ficou conhecido como “*Francisation*”. A francisação comporta várias medidas de ações sociais, mas, por sua vez, segundo Thabouillot (2005), será conhecida como o etnocídio dos povos originários da Guiana Francesa, sendo a negação de Inini - sobretudo nos anos de 1968-1971. Assim, teremos a nacionalização francesa para os indígenas e estrangeiros, a escolarização dentro do modelo francês e na língua francesa, a fim de que os povos colonizados se tornem bons franceses.

É mister saber que a política do Território de Inini na França se assemelha à política do SPI no Brasil, sendo seus postos de assistência aos indígenas, na maioria das vezes, administrados por militares ou de cunho militar, mesmo que seja feito por civis. A departamentalização e, por consequência, a *Francisation* não deixam de ser assimilacionistas, mas aceleram o processo de nacionalização dos povos originários. Cabe destacar que a migração dos Kali’na da Guiana Francesa para o Brasil se deu nesse contexto.

Ao pensar na situação dos Kali’na na Guiana Francesa, é preciso refletir sobre três momentos históricos e políticos: o primeiro é o da criação do Território de Inini e sua extinção, o que foi esse território para os povos indígenas, particularmente para os Kali’na; o segundo é a



departamentalização da Guiana Francesa, em 1946; esse segundo momento é central, pois é nesse período que o grupo migra para o Brasil; o terceiro momento, em 1965, o da criação do centro espacial de Kourou, e a política de francisação. Nesse terceiro momento, também têm algumas famílias que fazem o caminho inverso e voltam para a Guiana Francesa.

O grupo de Kali'na que migrou para o Brasil, no ano de 1950, viveu na gestão do Território de Inini; eles foram receptores de algumas políticas como a formação básica, pois fazia parte da política do Território de Inini a formação em técnico de enfermagem e professor.

Em 1964, a França acorda a cessão de cidadania francesa aos autóctones no âmbito de uma política de assimilação. Após a introdução dessas políticas têm alguns núcleos familiares que retornam para a Guiana Francesa; alguns voltaram para a cidade de Maná e outros se reestabeleceram em diferentes cidades do Departamento Ultramarino da Guiana Francesa e da França (Observação de campo, 2019).

De acordo com Souza (2010), com o fim da Guerra da Argélia, ocorrida entre 1954 e 1962, o presidente Charles de Gaulle decide que a Guiana Francesa seria ideal para o projeto espacial europeu, por localizar-se próximo à Linha do Equador e por sua reduzida população que, em 1964, era de 650 habitantes. A construção inicia em 1964, atraindo uma migração espontânea, sobretudo, de colombianos e brasileiros incentivados pelo governo francês, com chamadas em jornais.

Até o início desta pesquisa não havia pessoas residindo no Couachi. Porém, as famílias que retornaram para Guiana nas décadas de 1960 e 1970 e que estabeleceram residência na cidade de Maná, voltaram a fazer roça em Couachi, como René Lieutenant, que hoje é chefe da comunidade autóctone de Maná. René estava no grupo das crianças entre as famílias que migraram para o Brasil, na década de 1950.

Para Collomb (2000), a estrutura que o Estado Francês adota na década de 1950 vai interferir na reorganização desse povo, em direção a uma política de unificação francesa do território guianense, através da assimilação dos autóctones e creoulos.

A organização política indígena na Guiana Francesa, que tem seu marco introdutório na década de 1984, com o discurso histórico de Felix Tiouka, pronunciado para o governador da Guyana e que culminou na criação da cidade de Awala-Yalimapo em 1989.

A chegada dos colonizadores além de entrar em choque com a cosmovisão autóctone, impõe a visão dos invasores sobre suas ideias de mundo, de crença, de conhecimento, como seres superiores aos povos recém-contatados.



Um período de ebulição e de transformações técnicas e científicas no desabrochar da Ciência moderna, que nutre a composição dos Estados-Nação; tendo os limites territoriais como um dos trunfos de poder, cada Estado defende o seu limite e deseja expandir esses mesmos limites.

A “descoberta” do novo mundo é uma oportunidade de extração de recursos energéticos e comerciais; a consolidação desses Estados no continente americano, em particular no Platô das Guianas gerará uma fragmentação de territórios ancestrais autóctones. O território ancestral é o mesmo sem barreiras, mas os Estados impõem fronteiras, resultando na impossibilidade dos fluxos livres dentro desse território ancestral.

A Fronteira enquanto conceito na Geografia, apontado por Maristela Ferrari (2014), vai encontrar lugar na sociedade moderna e na formação dos estados-nações, embora a ideia de fronteira enquanto limite e divisão entre um território e outro, sempre existiram. Segundo Ferrari (2014), “com o avanço das ciências e com o Estado moderno, o conceito de fronteira tende a ser associado ao limite político territorial, sendo caracterizada como “fronteira linear”. A autora, citando Raffestin, apresenta um marco histórico para a ideia de fronteira que absorvemos e adotamos nos estudos, em especial, de geopolítica e também da territorialização dos Estados-Nações:

Desse modo, a linearidade das fronteiras pode ser de fato considerada uma técnica relativamente recente, como quer Raffestin (1993, p. 166), ao questionar: ‘Quando a fronteira se tornou um sinal?’ O autor responde: ‘Tornou-se um sinal quando o Estado moderno atingiu um controle territorial absoluto. Para aí chegar, foi preciso que se realizasse toda uma série de condições específicas, dentre as quais a linearização da fronteira é talvez a mais importante’. Como vemos, a técnica linear surge como política essencial para definir e delimitar a área territorial entre Estados nacionais. (FERRARI, 2014, p. 11).

Os Galibi Kali’na são um exemplo claro dessa intervenção, pois esse povo estava presente no Platô das Guianas e no Caribe, o que representa hoje os Estados da Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil; esse grupo é falante da língua Kali’na do tronco linguístico caribe em todo o Platô das Guianas; contudo, na Venezuela falam também o espanhol - língua oficial introduzida pelo colonizador; na Guiana falam inglês - língua introduzida pelo colonizador; no Suriname falam o holandês ou o crioulo holandês; na Guiana Francesa falam o francês e no Brasil o português.

Poderíamos dizer que a língua é o elemento de conexão desse povo, mas não só a



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

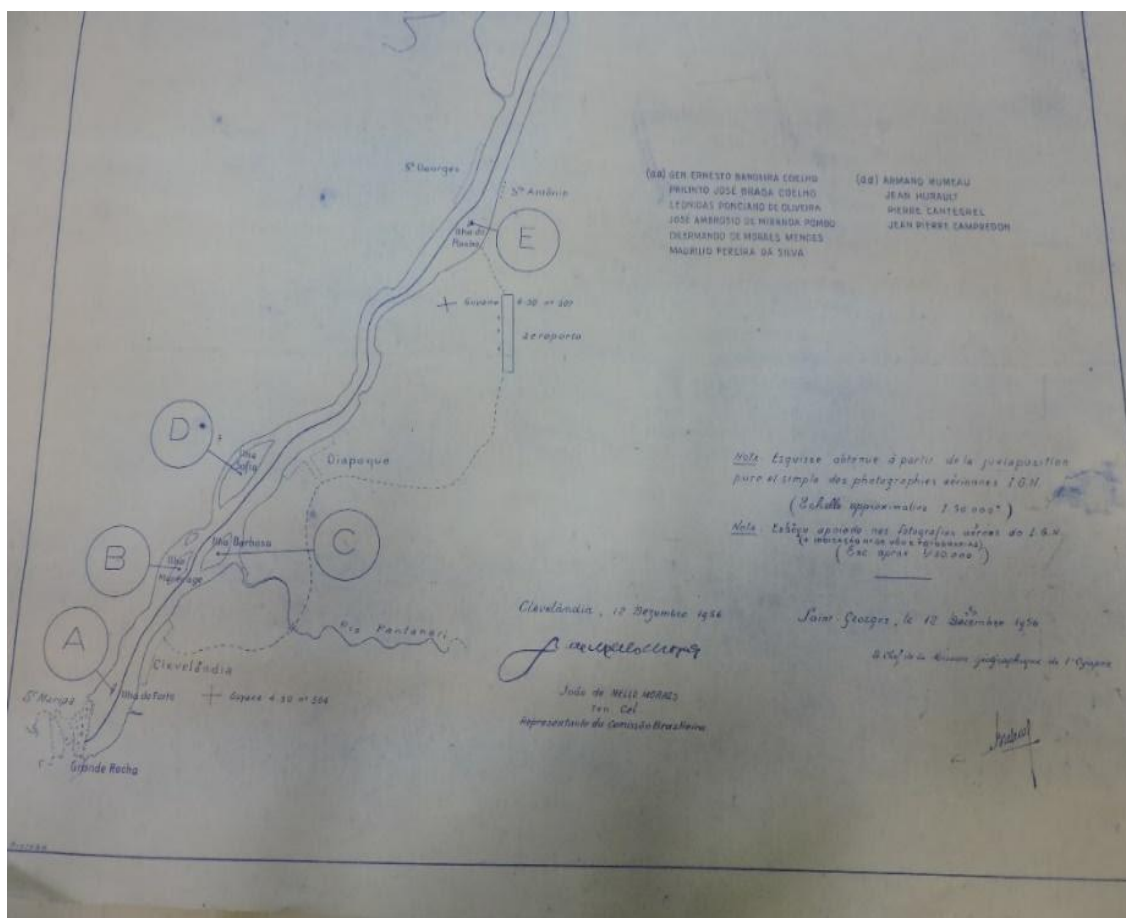
AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

língua, as narrativas que compõem as crenças e memórias. Embora não haja uma pesquisa que apresente as narrativas dos Kali'na, desde a Venezuela até o Brasil, temos ferramentas atuais como os coletivos dos grupos de WhatsApp que nos proporcionam estar em contato; assim, temos um vídeo de um Kali'na da Venezuela falando de suas narrativas, que são as mesmas já conhecidas aqui - essa informação foi confirmada por Cristina Lod, em conversa informal.

Pode-se observar que, mesmo que os Kali'na tenham migrado na década de 1950 para o Brasil, sua presença é forte e significativa; no arquivo da Comissão de Limites e Fronteiras, em Belém, encontramos um mapa de reconhecimento dos limites de 1954, que tinha como ponto de referência a aldeia Galibi e ilha dos Galibi; essa referência indica uma forte articulação desse povo com os poderes públicos e o reconhecimento como ponto demarcatório de fronteira, as terras ocupadas por ele há quatro anos é registrado como um ponto de localização da demarcação oficial do Estado.

Figura 06: croqui com identificação de marcos para delimitar fronteiras do território brasileiro com a Guiana Francesa.



Fonte: Pesquisa documental na Comissão Delimitadora de limites, 2019.



Com base na Carta que define os limites entre a França e o Brasil, observamos a reflexão de Ferrari (2014, p. 13) ao citar Jean Gottmann “se a fronteira é uma linha ou uma zona”; para ele, a linha é um conceito político e jurídico e a zona seria portanto, um conceito geográfico. Nesse sentido, os territórios indígenas demarcados no Brasil seguem o princípio da fronteira como linha, abarcando o conceito político e jurídico, mas além da linha, encontra-se uma zona geográfica; a fronteira, enquanto zona, ultrapassa os limites da linha. Os territórios indígenas vão além da dimensão física, como já foi abordado; o território autóctone é uma coexistência entre mundos material e imaterial.

Ferrari (2014, p. 14) continua: “fronteiras-linhas ou lineares são construções humanas, sobretudo as territoriais, que visam sempre atender algum objetivo, seja ele de ordem cultural, religiosa, econômica ou política, entre outros”. A autora avança na sua reflexão trazendo a evolução do conceito com os autores de cada tese; ela traz a tese de Ancel apoiada na obra de Martin “Desse modo, Ancel justificava que a noção de fronteira deveria ser buscada na história, na qual encontraria o sentimento ou espírito de fronteira, que na verdade expressavam o significado coletivo de “pertencer” a um espaço comum, nacional”.

No advir de uma reflexão atual sobre o conceito de fronteira, este é posto dentro do conceito de globalização e da “metáfora da porosidade das fronteiras internacionais” que estaria o fim das fronteiras dos Estados Nações. Contudo, na observação de campo de alguém que habita uma região fronteira, percebe-se um acirramento por parte dos Estados de manter bem clara a posição de fronteira - ou melhor - os limites fronteiros. Esse fato é sentido pelos Kali’na e narrado que, nos trinta primeiros anos da migração, a circulação entre os parentes - seja do lado francês ou do lado brasileiro - era feita sem burocracia ou imposições legais, por parte dos Estados.

Sobretudo, a partir da década de 1990, as exigências aumentam e o trânsito entre os dois lados diminui, em especial, as exigências do Departamento Ultramarino Francês da Guiana, que quase inviabilizam a ida dos Kali’na brasileiros para visitar os parentes da Guiana Francesa. O poder do Estado-Nação impõe que existe Kali’na brasileiro, Kali’na francês, Kali’na Surinamês, etc. Essa questão merece um aprofundamento maior que não faremos aqui.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É mister saber que a política do Território de Inini na França se assemelha à política do SPI no Brasil, sendo seus postos de assistência aos indígenas, na maioria das vezes, administrados por militares ou de cunho militar, mesmo que seja feito por civis.

Desse modo, a chegada dos Kali'na a Oiapoque se dá num contexto de reorganização do Território Federal e de incentivo à ocupação desse município, uma vez que as diversas tentativas, como a colônia agrícola, colônia penal e o distrito militar - primeiramente em Santo Antônio e posteriormente em Clevelândia - não foram suficientes para fixar um contingente populacional desejado.

Apresentado o contexto político da época da migração, observamos as iniciativas na fronteira franco-brasileira, ao mesmo tempo que o SPI representa as ações integralista do governo brasileiro, o Território de Inini, também busca a integração do território francês com a assimilação dos indígenas; nos documentos vemos vários relatos dessas disputas entre os dois países, desde o período do Contestado - por quase um século - até o laudo final, dando posse ao Brasil que, por sua vez, não investiu muitos recursos para consolidação dessa área.

Na visão do governo brasileiro é mais uma vitória a migração desse povo indígena, já que eles consideravam que tinham perdido o povo Emerillon, que habita o médio rio Oiapoque, se transferindo definitivamente para o lado francês da fronteira, no rio Oiapoque.

As negociações internacionais, os argumentos do chefe do SPI, Eurico Fernandes, nos levam a pensar que se trata de um período com muitos acirramentos, de um discurso e práticas integracionistas, produtivistas, de incentivo a grandes empreendimentos, como estradas, hidrelétricas e uma preocupação com o desenvolvimento econômico; a política de atração dos indígenas e de fortalecimento das fronteiras garante o fortalecimento das fronteiras do Estado-Nação.

Destarte, a chegada e instalação do grupo familiar dos Galibi Kali'na no Brasil ocorreu de uma forma organizada e articulada politicamente. Um dos fatos relevantes é que a vinda desse grupo da cidade de Maná, na Guiana Francesa, foi oficializada nos dois países com documentos de saída do país de origem e de entrada no Brasil, na década de 1950.

A articulação política com os representantes do Estado é algo que os Kali'na já faziam desde a Guiana Francesa; o fato de terem frequentado internatos religiosos que se ocupavam da educação dos Indígenas ainda no Território de Inini, trouxe nessa migração um grupo de Kali'na já com uma formação técnica. Segundo documentos do antropólogo Expedito Arnaud consultados no acervo do Museu Goeldi, há indicativos de que quatro dos homens adultos vindos para o Brasil, já tinham um nível de escolarização e de trabalho dentro do sistema



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

francês, com um certo grau de contato com os colonizadores.

Palavras-chave: território de Inini; SPI, Oiapoque, Galibi Kali'na, política internacional.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Gabriel Coutinho. Das trocas de bens. In: GALLOIS, Dominique Tilkin. (org). *Redes de Relações nas Guianas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp. 2005. pp. 59-112.
- COLLOMB, Gérard. Identite et Territoire Chez Les Kali'na. À propos d'un récit du retour des morts. *Journal de la Société des Américanistes*, n. 1, v. 20, pp. 149-168, Année 2000.
- FERRARI, Maristela. As noções de fronteira em Geografia. *Revista perspectiva geográfica*. v. 9, n. 10, 2014.
- FERRARINI, Hélène; TIOUKA, Alexis. *Petit Guerrier Pour la Paix : Les luttes amérindiennes racontées à la jeunesse (et à tous les curieux)*. Matoury : Ibis Rouge Éditions. 2017.
- FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (Org.). *Memória do SPI: Textos, imagens e documentos sobre o serviço de proteção aos índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – Funai, 2011.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. (org). **Redes de Relações nas Guianas**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp. 2005
- GUYON, Stéphanie. Des Primitifs Aux Autochtones Savoirs Ethnologiques et Politiques Publiques en Guyane de 1946 a nos Jours. *Revista Genèses*, n. 91, 2013, pp. 49-70.
- MINISTERIO DA AGRICULTURA. Rondon. Índios do Brasil das cabeceiras do rio Xingu, dos rios Araguaia e Oiapoque Vol. II. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios.1953.
- MORAES GALIBY, Kassia Angela Lod; FORTE, Marcilene dos Santos. *Processo de Formação do Povo “Galibi do Oiapoque”: impactos migratórios*. TCC apresentado ao curso de Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Federal do Amapá. 2018.
- SOUZA, Charles Benedito Gemaque. Territórios, Memória e Etnicidade no Espaço Urbano de Kourou- Guiana Francesa. **Revista Ateliê Geográfico**, v. 4, n. 4, 2010, pp. 51-73.
- THABOUILLOT. Gérard. *Le Territoire de l’Inini: 1930-1969*. Matoury-Guyane française : IBIS ROUGE ÉDITIONS, 2016 (Espace outre-mer).
- VIDAL, Lux Boelitz. De Maná ao Oiapoque: a Trajetória de uma Migração. *REVISTA USP*, São Paulo, n.46, pp. 42-51, junho/agosto 2000.